



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**QUEFREN WELD CARDOZO NOGUEIRA**

**(depoimento)**

**2016**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E- 655

**Entrevistado:** Quefren Weld Cardozo Nogueira

**Nascimento:** 26/11/1975

**Local da entrevista:** Departamento de Educação Física – Universidade Federal de Sergipe

**Entrevistadora:** Christiane Garcia Macedo

**Data da entrevista:** 19/01/2016

**Transcrição:** Marina Albugieri

**Copidesque:** Christiane Garcia Macedo

**Pesquisa:** Christiane Garcia Macedo

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 28 minutos

**Páginas Digitadas:** 10 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo intitulado *Centros de Memória da Educação Física e dos Esportes nas Universidades Federais*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Formação acadêmica; Envolvimento com o Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEFEL) da Universidade Federal de Sergipe (UFS); Pesquisa histórica em Educação Física na UFS; Apoio da Universidade; Pesquisas com o Acervo; Atividades; Acervo; Relação com as Ciências da Informação; Projetos de pesquisa e extensão; Definição do CEMEFEL; Palavras finais.

Aracaju, 19 de janeiro de 2016. Entrevista com Quefren Weld Cardozo Nogueira a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Primeiro muito obrigado pelo seu tempo. Queria que você começasse falando como foi sua formação, da graduação, os temas que você pesquisou.

Q.N. – Sou formado em Educação Física, minha graduação foi na Universidade Federal de Viçosa, terminei em 1997. O meu tema de pesquisa, da monografia, que até então foi meu primeiro e único contato com a pesquisa na graduação foi com a monografia, teve a ver com a questão da criança e o brincar na Educação Física. Naquele momento muito mais voltado para uma preocupação com as perspectivas críticas, que eu tinha a impressão que elas estavam transformando as aulas em aulas teóricas, a monografia era uma defesa do movimento, do brincar, do exercitar e assim por diante.

C.M. – E no mestrado e doutorado?

Q.N. – No mestrado eu fiz em Uberlândia, minha graduação em Viçosa, mestrado em Uberlândia. Que foi muito tempo depois, quer dizer, foram quatro anos depois que terminei a graduação eu fui fazer um mestrado em Uberlândia. Lá, também, foi uma crítica da crítica que eu tentei fazer, quer dizer, eu fiz uma análise foucaultiana do discurso das perspectivas críticas e do tipo de prática que elas propunham para a Educação Física, para compreender, também, como a forma de produção do sujeito crítico, foi nesse sentido. Depois do mestrado eu fiquei trabalhando na universidade particular. Foi em 2002 que eu terminei o mestrado, o doutorado eu terminei em 2013, então, foram onze anos depois. Eu fiz aqui em Sergipe, no Departamento de Educação. E eu pesquisei a questão da formação moral do aluno atleta. Eu acompanhei uma escola católica aqui em Aracaju, foi ela que, de certa forma, fomentou o esporte, a esportivização da Educação Física no estado de Sergipe. Que foi a primeira ligada a um padre, que na década de 1960 começa a incentivar a prática esportiva deste colégio, chamado Colégio Arco Diocesano. Eu analisei todo este discurso de formação moral do atleta, do aluno atleta, foi nesse sentido.

C.M. – Como você se envolveu com o CEMEFEL<sup>1</sup>?

Q.N. – O CEMEFEL foi o seguinte, quando nós chegamos aqui para Sergipe, foi uma leva de professores. A Priscilla<sup>2</sup> é uma delas, Fábio Zoboli, não sei se você conheceu, eu, o Diego<sup>3</sup>, que foi embora já, então foi uma leva de professores. E a Priscilla era muito envolvida com a história, a questão da história, fez o concurso para dar aula de história de educação física e tudo o mais. E, quando ela chegou, ela veio com a proposta de revitalização do CEMEFEL daqui, porque até então, naquele momento que nós chegamos, o CEMEFEL não estava mais funcionando, não estava mais registrando como grupo de pesquisa, o acervo estava todo espalhado. Esse grupo de professores, a gente decidiu ao invés de cada um fazer um grupo, nós focamos exatamente no CEMEFEL. No primeiro momento, eu não sou muito da área de história, apesar de estar produzindo trabalho de história, mas é... Eu não sou muito acadêmico, para escrever, para produzir, mas então, eu não me considero como da área de história, como comentei apesar de atualmente estar produzindo trabalho desta área. Todos nós nos juntamos e, a partir da ideia de revitalizar o CEMEFEL ficamos todos juntos aqui. Tanto que uma linha de pesquisa do CEMEFEL não tem a ver com história, que é Esporte e Direitos Sociais, porque era na época que eu estava trabalhando um pouco com o doutorado também, a questão do esporte e juventude. Nós nos reunimos aqui, este grupo de professores que tinha acabado de chegar.

C.M. – Que ano que você chega aqui?

Q.N. – Foi em 2009.

C.M. – Com quais atividades você se envolveu aqui no CEMEFEL?

Q.N. – Neste primeiro momento nós tínhamos os grupos de estudo, a gente se reunia, salvo engano, de quinze em quinze dias, às vezes uma vez por semana. Neste primeiro momento a nossa preocupação era com a conservação do acervo, porque como ele não estava mais funcionando as coisas não estavam organizadas. Então, principalmente com a Priscilla no

---

<sup>1</sup> Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer da Universidade Federal de Sergipe.

<sup>2</sup> Priscilla Kelly Figueiredo.

<sup>3</sup> Nome sujeito a confirmação.

primeiro momento, ela procurou, conseguiu essa sala, não estava aqui, essa sala era a secretaria do curso de especialização. Ela foi atrás do acervo, viu o que estava, catalogou muito coisa, algumas catalogações, algumas coisas até se perderam. Então, a gente passou este primeiro momento na tentativa de revitalizar, tanto na parte burocrática, no sentido de registrar como grupo de pesquisa, como também fazer um espaço que tivesse legitimidade dentro do departamento e a conservação do acervo. Naquele momento a grande preocupação era esta, porque a Priscilla estava no mestrado ainda, projetando o doutorado, eu tinha acabado de entrar no doutorado daqui, então a gente estava, neste primeiro momento, com uma preocupação realmente com o acervo. Na verdade neste primeiro momento eu não era muito envolvido com o CEMEFEL. Até conversava com a Priscilla: “Eu gostaria de estar presente, gostaria de ajudar e participar”, mas eu não era totalmente ligado na questão da história e tudo o mais. No segundo momento, que foi quando Priscilla foi para o doutorado é que precisava de uma pessoa para ser líder do grupo e o acordo que eu fiz com ela é que eu ficaria como líder do grupo, muito mais para ficar responsável pelo acervo, para que não se perdesse novamente. Tanto que o acervo está colocado aqui... Eu tenho dois bolsistas, eles não são bolsistas do CEMEFEL, são bolsistas de outro projeto, mas eles ficam aqui, um deles é o Akellyson<sup>4</sup>, não sei se você conheceu o Fábio?

C.M. – Não.

Q.N. – Então, eles ficam aqui quase o tempo todo, e eu falo para eles “*toma conta do acervo!*”. Porque a intenção é que quando a Priscilla retornar o acervo esteja do jeito que ela deixou. Eu tenho um projeto também, até coloquei em reunião, para a gente fazer uma campanha para conseguir mais acervo, para aumentar o nosso acervo junto com os professores daqui primeiro e tudo o mais. A minha proposta é, exatamente, quando ela retornar a gente tenha o acervo que ela deixou e acrescentar mais alguma coisa.

C.M. – Como que é a pesquisa histórica aqui na UFS de Educação Física? Tem outros professores também ou...?

---

<sup>4</sup> Akellyson Oliveira.

Q.N. – A história aqui mesmo é o professor Hamilcar<sup>5</sup> e a Priscilla. Quando a Priscilla estava aqui ela teve um projeto aprovado no CNPq<sup>6</sup>, as monografias que ela estava orientando também todas na área de história. E tem o professor, Hamilcar, que também trabalha na área de história, mas ele é mais envolvido com a questão do futebol. Então, eu, particularmente, na minha avaliação a área de história hoje aqui está um pouco defasada, a gente não tem trabalhado muito, não porque não temos professor, mas porque o próprio perfil dos professores é diferenciado, a gente não tem. A única pessoa que a gente tinha era a Priscilla, ela foi para o doutorado. Então, a questão de pesquisas históricas mesmo... Se a gente pegar as monografias atuais acho que... Pelo que eu me lembro não tem nenhuma na área de história. Aí o Akellyson que vem com a ideia de fazer a história do CEMEFEL daqui.

C.M. – E, vocês têm dito apoio da universidade pra alguma ação do CEMEFEL?

Q.N. – Depois que eu comecei mais efetivamente no CEMEFEL é que comecei a ter esse tipo de idéia... O departamento, salvo engano, ele fez quarenta anos. Quando eu cheguei existiam alguns professores que eles estavam aqui desde o começo do curso, alguns que estão aqui foram alunos das primeiras turmas e continuam dando aula, alguns estão se aposentando. Aí, o que eu já comentei, em algumas reuniões do departamento, é que essa leva de professores, eles vão começar a se aposentar e, eles vão embora e a marca deles física, no sentido de acervo e tudo o mais, ela vai se extinguir. Na verdade, o que eu gostaria de ver muito é que a gente pudesse ter uma sala muito mais ampla, climatizada, que todo esse acervo pudesse ser realmente catalogado, organizado. Que cada professor que se aposentasse, a gente tivesse um local com o acervo daquele professor para disponibilizar para pesquisa e tudo mais e, assim por diante. E acho que, não só aqui, mas em qualquer local, a gente conseguir um espaço é complicado, porque sempre tem aquela briga por espaço, “qual sala, onde, que espaço?” e, tudo o mais. Por exemplo, a gente tem uma academia de ginástica aqui com os aparelhos mais antigos, muito interessante, que nessas propostas de construção de novos edifícios, novos prédios, que a gente utilizasse essa sala aqui para o CEMEFEL, como um local amplo, de visitação, que cada professor tivesse o seu local, no sentido, assim, do acervo, depois que eles se aposentarem. E que a

---

<sup>5</sup> Hamilcar Silveira Dantas Júnior.

<sup>6</sup> Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

gente pudesse fazer campanha para conseguir mais acervo. Por exemplo, hoje nós temos essa sala aqui, se agente conseguir o acervo, a gente vai ter que empilhar uma caixa em cima da outra, porque não tem local. Então a universidade ao mesmo tempo em que ela não demonstrou, assim, um incentivo, ela também nunca disse não, nunca foi efetivamente apresentado uma proposta para a universidade para se construir um centro de memória, até então ficou a discussão aqui dentro do departamento. Aí seria a questão da ação coletiva, a gente precisaria reunir aqui e sensibilizar, não só os professores que trabalham com a área de história, mas todos os professores do departamento para que a gente começasse a reconhecer o valor deste acervo e, o valor da memória dele para ficar aqui guardado, conservado e bem cuidado.

C.M. – Sabe se já teve pesquisas com o acervo? Utilizando o acervo?

Q.N. – Você me lembrou, olha para você ver, eu tenho uma orientação de uma monografia, está até registrada no PIBIC<sup>7</sup> daqui, que é sobre o voleibol dos anos oitenta. É tanta coisa que até me fugiu, está até aqui...<sup>8</sup> A gente tem um conjunto de revistas aqui, se chama Saque, que foi publicado nos anos 1980, quando o voleibol brasileiro começou a se expandir. Aí, tem uma aluna que ela está fazendo uma pesquisa sobre a construção do estereótipo feminino baseado exatamente dessas revistas, ela utiliza o acervo aqui do CEMEFEL para pesquisar. Aí, nós estamos fazendo esta pesquisa, ela se chama Fabíola<sup>9</sup>, ela já veio, fez a seleção dos artigos que ela vai utilizar e tudo o mais, a gente está desenvolvendo esta. E o Akellyson, que para disciplina de Monografia I ele está com esta proposta também de estudar especificamente a história aqui do CEMEFEL.

C.M. – Vocês chegaram a fazer alguma outra atividade? Evento, exposição?

Q.N. – Quando a Priscila estava aqui, que salvo engano, foram organizados dois encontros de história é...

C.M. – O simpósio?

---

<sup>7</sup> Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

<sup>8</sup> O professor aponta para um trabalho na sala.



Q.N. – Foram dois simpósios. Tem uma pasta aqui que tem uns certificados, salvo engano, foram dois eventos, nesse sentido. A proposta dela era de fazer um evento anual de encontro do CEMEFEL e tudo o mais. A avaliação que eu faço de forma geral é que existe espaço, existe o acervo, mas a gente está parado. Muito mais parado, não porque aquela coisa, assim, por falta de apoio e tudo o mais. Mas como existem alguns professores que não tinham feito doutorado ainda, que nós entramos aqui com o mestrado. Então, a gente teve que abrir mão de algumas coisas, como por exemplo, de investimento maior no CEMEFEL, para que essas pessoas pudessem se qualificar na expectativa do retorno, para que as coisas pudessem realmente andar. Mas de qualquer forma, por exemplo, tem essa pesquisa dessa menina, da Fabíola, tem outro rapaz também no mestrado, que ele já solicitou, já até veio aqui, ele estava fazendo a pesquisa, salvo engano, sobre a fundação do curso, ele ficou um tempo aqui fez a pesquisa no acervo. Então, a gente tem algumas ações isoladas, muito mais do que um projeto institucional, a gente tem algumas ações isoladas utilizando o acervo ou, procurando algumas pessoas que tem o interesse, a gente abre as portas e assim por diante.

C.M. – Sobre o acervo, você falou das revistas, dos livros e das monografias. Existe documentos do departamento?

Q.N. – Tem. Essa segunda parte aqui, essa parte aqui é mais de documentação do departamento e tudo mais. Deixa eu descer<sup>9</sup>. Isso tudo é documentação, ofícios recebidos, solicitação de visitas ... Teve um caso aqui, não sei se alguém já te comentou, de uma secretária que tinha... Que jogou boa parte da documentação fora, queimou, simplesmente queimou [risos]. Estava aqui na secretaria, fizeram a limpeza e, simplesmente queimou tudo, o que ficou foi exatamente estes que estão aqui. Então, tem esta parte da documentação, tem esta prateleira aqui que é do professor Felix, que foi um dos fundadores do curso, ele faleceu faz pouco tempo e, a esposa dele doou este acervo. Quando chegou o acervo tinha de tudo, não só especificamente da Educação Física. A Priscilla foi lá e fez uma seleção e trouxe. Tem *muita* coisa histórica e valiosa. Eu lembro que quando a gente começou a organizar isso aqui e pegar, a gente estava muito mais admirando as revistas e o material, do que necessariamente organizando.

---

<sup>9</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>10</sup> O professor mostra as documentações existentes.

C.M. – Vocês têm fotografias também?

Q.N. – Tem. Tem umas aqui.

C.M. – Sobre o que são?

Q.N. – Acho que são fotografias, a maioria do cotidiano. Do cotidiano do departamento e tudo o mais. Isso aqui foi tudo eu que organizei, essa aqui é a minha letra [risos].

Q.N. – Tem um material... Tem vasto material, ainda muito sem identificação, esse aqui deve ser do Departamento de Ginástica. E o departamento que na verdade era na cidade, não era aqui<sup>11</sup>... Era lá em Aracaju.

C.M. – Então, essas fotos não são desse campus aqui não?

Q.N. – Algumas delas não são não. No caso, este prédio aqui é lá cidade<sup>12</sup>. A gente não tem identificação, tem que procurar, saber, conseguir identificar algumas pessoas que conhecem as outras e tudo o mais. Mas o que eu estava comentando com você, a preocupação é exatamente de preservação deste material, porque isso não pode acontecer de novo, chegar alguém aqui ver o que é isso e, simplesmente colocar fogo. A questão é que, não sei como está a realidade de outros locais, para a gente fazer um CEMEFEL que seja realmente, assim..., que tenha um bom acervo, seja ativo, é muito mais uma proposta do departamento. Porque o valor que tem todo este material aqui não dá para calcular, de nome, as pessoas e, datas e tudo o mais. Mas, assim, uma ideia particularmente que a gente teve um tempo atrás é de fazer como um projeto coletivo do departamento, de todos os professores, o Centro de Memória. Já tem sete anos que eu estou aqui, eu quero deixar minha memória aqui também. A gente deixar nas ideias e tudo o mais, na maneira como funciona, mas também na parte física.

C.M. – A UFS tem curso de Arquivologia? Ou de Biblioteconomia? Algum desses cursos?

---

<sup>11</sup> O campus da UFS atualmente é em São Cristovão, cidade ao lado de Aracaju.

<sup>12</sup> O professor aponta para uma foto.

Q.N. – Eu não tenho certeza, mas acredito que de Biblioteconomia sim.

C.M. – Vocês em algum momento... No momento em que você está aqui teve alguma ajuda ou intervenção do pessoal de outros cursos, de história ou biblioteconomia?

Q.N. – Quando o acervo foi organizado a gente pediu uma ajuda das bibliotecárias, sobre como catalogar, alguma coisa com relação à conservação também. Então, algumas professoras da biblioteca deram ajuda desse sentido. O pessoal de história acho que até o momento... Não, talvez nem saibam que existe.

C.M. – E, de outros professores, fora de Sergipe, teve algum professor que influenciou o Centro, venho para algum evento?

Q.N. – A gente tinha aqui, quando a gente fazia as reuniões periódicas do grupo de estudos, existia uma professora que participava aqui da universidade, quer dizer, dois professores, um professor e uma professora. Uma delas era bem constante e, o outro que está fazendo esta pesquisa, só que é da história da educação. Que está fazendo esta pesquisa, ele começou participando dessas reuniões também e, apresentou o projeto acho que do doutorado, do mestrado... Acho que é do doutorado. São essas pessoas que não são daqui. Uma delas não mais teve contato e, esse outro professor sempre está aqui, ele conversa, ele faz visita ao acervo também.

C.M. – Bom, em relação ainda ao apoio da universidade, vocês tem projeto de extensão ou pesquisa? Tem grupo de pesquisa registrado ainda como CEMEFEL?

Q.N. – O grupo de pesquisa está registrado como CEMEFEL. A única pesquisa, assim, efetivamente de uma pessoa que faz parte do grupo e, está registrada é desta menina sobre o estereótipo no voleibol feminino nos anos oitenta, que está registrado. Tem outros membros que estão registrados, mas as pesquisas não são necessariamente de história. Tem um rapaz agora que está fazendo, não é necessariamente uma pesquisa histórica, mas é um estudo literário, só que ele está pegando um livro<sup>13</sup> chamado Seabiscuit, que é um cavalo

---

<sup>13</sup> HILLENBRAND, Laura. **Seabiscuit: uma lenda americana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

norte-americano da década 1930, ele tinha as pernas tortas, começou a ganhar várias corridas, nos Estados Unidos e se tornou bastante famoso. Então, ele está analisando este livro e vai fazer toda uma contextualização da parte histórica e, faz parte do CEMEFEL também.

C.M. – E como projeto de extensão?

Q.N. – Projeto de extensão não tem.

C.M. – Vocês tem algum incentivo, por estar coordenando, tomando frente? Carga horária ou algum apoio?

Q.N. – Na época... A gente tem que preencher o PAD<sup>14</sup>, que é o Planejamento Docente. E aí, existe uma carga horária de coordenação do CEMEFEL, mas acaba que se faz muito mais coisa do que aquela carga horária que a gente tem lá.

C.M. – Você tem participado com seus alunos de eventos?

Q.N. – Na área de história não. Porque é o seguinte, como a gente estava conversando, quando Priscilla saiu... Eu não sou necessariamente da área de história, eu até comentei com ela que a principal intenção era a conservação do acervo, não deixar o grupo se perder mais uma vez e tudo o mais. Então, é muito mais nesse sentido que eu particularmente... Como está à frente do grupo, eu não me envolvo muito em fazer eventos, até em participar de eventos, porque não é necessariamente a minha área. Entendeu? A nossa preocupação foi exatamente está do acervo, do acervo não se perder e, mesmo que seja, assim, a passos lentos, mas que ele possa estar registrado, possa estar existindo, que a gente possa num futuro próximo fazer alavancar.

C.M. – Por último, como você definiria o CEMEFEL?

Q.N. – Hoje o CEMEFEL, ele é como se fosse meu xodó. Não necessariamente o CEMEFEL, mas o acervo, eu tenho um sonho muito grande de ver este acervo bem

organizado, que possa estar outras pessoas pesquisando, um local de visita, de movimentação, que seja uma local que a gente possa realmente guardar a memória da educação física, do esporte e assim por diante. Então, eu tenho muito mais um carinho pessoal com a questão da história do que necessariamente uma questão acadêmica, sabe. A minha relação única com a história é isto, na verdade com todas as questões acadêmicas. A minha trajetória nunca foi muito acadêmica, quando eu estava na universidade eu me envolvia muito mais com a equipe esportiva do que com grupo de pesquisa, grupo de extensão, tudo em relação com academia comigo, ela foi construído muito aos poucos. Por exemplo, quando eu li o Vigiar e Punir, do Foucault, eu achava que era um livro de literatura. Eu só fui saber quem era o Foucault quando eu entrei no mestrado, tinha uma professora que deu algumas aulas... “Eu conheço esse cara de algum lugar”. Eu li como literatura. Então, eu tenho muito mais uma relação carinhosa com a história e menos acadêmica. A partir do ano passado, como já havia dito, a questão de ter realmente um espaço, bonito, arrumado, decorado, um espaço de visitação, de pesquisa, de reuniões e assim por diante.

C.M. – Tem mais alguma coisa que você gostaria de registrar?

Q.N. – Eu me sinto um pouco desconfortável com relação ao CEMEFEL, porque quando eu me tornei líder, eu deixei isso claro para a Priscilla, como seria o meu papel aqui, mas quando a gente está à frente tem aquela vontade de fazer alguma coisa, de fazer alguma diferença e, eu acho que nesta entrevista aqui eu devo ter falado o nome da Priscilla umas vinte vezes [risos]. E aí, eu tenho uma expectativa muito grande que ela retorne, que a gente possa fazer alguma coisa, não sei se ela realmente vai ficar aqui em Sergipe e tudo o mais. Mas vamos ver o futuro o que espera, para a gente ver o que realmente dá para fazer.

C.M. – Está bem, era isso. Muito Obrigada!

Q.N. – Espero ter te ajudado.

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>14</sup> Plano de Atividade Docente.